

# ILLUSTRAÇÃO CATHOLICA



D. Manuel Vieira de Mattos  
Illustre Arcebispo Primaz

Braga, 21 de Janeiro de 1928

NUMERO 305 — ANO VI

Composta e impressa na UNIÃO GRÁFICA — Braga

DIRECTOR E EDITOR,

*Joaquim Antonio Pereira Villela*

PROPRIEDADE DA EMPREZA

DA «*Ilustração Catholica, L.<sup>da</sup>*»

## Condições de assignatura da *Illustração Catholica*

### PORTUGAL :

Ano . . . . .	60\$00
Semestre . . . . .	30\$00
Trimestre . . . . .	15\$00

A cobrança feita pelo correio tem o augmento da respectiva despesa

### COLONIAS :

Ano . . . . .	64\$00
Semestre . . . . .	32\$00
Trimestre . . . . .	16\$00

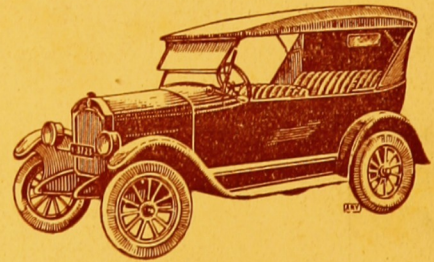
### ESTRANGEIRO :

Ano . . . . .	80\$00
Semestre . . . . .	40\$00
Trimestre . . . . .	20\$00
Numero avulso . . . . .	1\$50

*Toda a correspondencia relativa a assignaturas, deve ser dirigida á  
Administração da ILLUSTRACÃO CATHOLICA — BRAGA*

Telefone, 212

## Automoveis e Camionetes **RUGBY**



Os carros preferidos pela sua elegancia e modicidade de preços

**STAND RUGBY**

Avenida da Liberdade, 32

**BRAGA**

**UNIÃO**



**GRÁFICA**

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS E DE ENCADERNAÇÃO EM TODOS OS

:: : GÊNEROS : : :

Tipografia e Encadernação

TELEFONE, 41

R. Nova de Sousa, 107

:: BRAGA ::



# ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

REVISTA LITTERARIA SEMANAL DE INFORMAÇÃO GRAFICA

Director e editor, Joaquim A. Pereira Villela

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, R. dos Martyres da Republica, 89, 1.º

Propriedade da Empresa «Illustração Catholica», Limitada

Braga, 21 de Janeiro de 1928

Composta e impressa na UNIÃO GRÁFICA  
BRAGA

Anno VII — N.º 304

## Novo Cardial Espanhol



○ Em.<sup>mo</sup> Arcebispo de Toledo,  
Cardial Segura

A Sé de Toledo, que disputa à nossa bracarense o titulo de Primás, viu-se recentemente viuva pela morte do seu Pastor. A ela ascender, porem, o Cardial Segura, criado no Consistorio de Dezembro por S. Santidade. Segundo uma antiga prerrogativa da côrte matritense, o chapéu cardinalicio foi remetido ao novo Cardial por um ablegado apostolico, e, na presença do rei, foi imposto a Mon.<sup>r</sup> Segura, que para tal fim se dirigiu a Madrid. A nossa gravura foi tirada no Palacio Real de Espanha nessa ocasião e nela se vê o recém Purpurado com alguns personagens palatinos. O Cardial Segura distinguiu-se sobretudo pelo seu espirito apostolico, estando em visita pastoral numa afastada montanha, quando lhe chegou a noticia da sua elevação ao cardinalato e Sé de Toledo.

# CRONICA DA SEMANA

## Funções plebiscitárias

O valor de um plebiscito dedús-se naturalmente da sinceridade com que o voto é emitido. E quando o plebiscito pode conter mais do que o simples — *sim* ou *não* —, e também exprimir um condicionamento ou até indicar as bases do programa de acção a cumprir, poder-se hia duvidar de seu valor?

Certo que não.

O leitor aqui chegado admirar-se há, supondo talvez que esta cronica vai enveredar pela discussão de instantes problemas juridicos, ou abismar-se na profundeza dos tratados constitucionais, e que o cronista intenta seguir as pisadas de Duguit ou de Trindade Coelho, se não as de Maquiavel ou Rousseau. Não nos apressemos...

Condenado ao suplicio das varadas, ao tempo em que as penas corporais eram frequentes, queixava-se brandamente a vitima a seu verdugo — passava a scena em Espanha — que só lhe assentava em certo espaço do costado a vara justa. E, como favor, pediu-lhe que descesse um pouco mais, na esperança de ser menos intensa a dor, embora mais extensamente repartida.

O verdugo, maliciosamente, retorquiou-lhe: — *Descanse, hermano, que todo se andará.* Com o que lhe deu a certeza de não deixar-lhe no corpo naco que não fosse bem medido pela vara.

\*

O primeiro plebiscito de que desejo falar-lhes é o que nos deram, após o reaparecimento da *Ilustração Católica*, nossos estimados leitores.

Foram tão numerosos os cumprimentos, as saudações, as palavras de aplauso e incitamento que nos dirigiram, que a impossibilidade de as agradecermos convenientemente é manifesta.

As provas de carinho, porem, que nos dispensaram, constituem um verdadeiro plebiscito. Elas significam, com meridiana claridade, que a *Ilustração Católica* veio ocupar o seu lugar, lugar que lhe pertencia, e ninguém substituiu durante o seu interregno.

As palavras de aplauso e incitamento que nos dirigem de toda a parte, o jubilo com que foi recebido o ultimo — e tão desejado — numero da *Ilustração Católica*, não só nos dizem ser esta uma necessidade, mas também nos põe na obrigação de corresponder ao carinho com que fomos tão excelentemente acolhidos, procurando torna-la cada vez mais merecedora do aplauso e da benevolencia de tantos amigos nossos.

E as amigáveis reflexões que alguns nos fizeram, indicando-nos assuntos a versar, recantos a fixar, melhoramentos a introduzir, essas também as acolhemos como outros tantos estímulos e outros tantos significativos testemunhos de amizade. Não desprezamos, de nenhum modo as observações amigáveis, dictadas, como as vemos, pe-

lo comum desejo de melhorar cada vez mais esta revista.

Aqueles dos nossos amigos que conservam os primeiros seis volumes da *Ilustração Católica* verificarão facilmente como nós procuramos, em tudo, prosseguir a obra naqueles iniciada. E' o mesmo formato, identica distribuição de assuntos, semelhança de organização e de aspecto grafico.

E' susceptível de ser tudo melhorado? Talvez. Tiremos até o « talvez ». E'. Mas não era agora o momento de transformações, por menos radicais que as imaginemos. A identidade comnosco mesmos, essa quisemos, sobretudo, afirmar, desde logo, nesta revista que não é uma publicação nova, mas sim o setimo volume da nossa *Ilustração Católica*.

Os naturais progredimentos, esses, não os descuraremos; eles virão sendo introduzidos gradualmente, com persistencia, sim, — isso prometemos — mas com a ponderação necessaria para nunca perdermos aquela identidade comnosco mesmos, que é o nosso desejo e até será o nosso melhor timbre.

E essa identidade afirmar-se ha, evidentemente, no criterio com que é escolhida e pesada a nossa colaboração grafica. Católica é a nossa revista nos dois sentidos da palavra; no religioso, como no gramatical.

Católica no sentido gramatical a queremos mostrar, não tendo fronteiras o nosso objectivo, nem as nossas objectivas. Ameno passeio atravez dos conhecimentos humanos, em tudo o que corresponde ao dominio das artes, ao reino imenso da estética.

Católica no sentido religioso, a afirmamos no passado numero, confessando-nos adictos ao supremo Pontificado. E neste presente numero, prestando uma homenagem de respeito e adesão ao Excelentissimo Arcebispo Primaz, queremos da mesma forma afirmar o nosso inviolavel sentimento religioso, a nossa absoluta união com a Hierarquia da Igreja, naquella comunhão da fé orthodoxa que a liturgia tão soberanamente confessa cada dia.

\*

O nosso agradecimento, pois, profundo, sincero, inabalavel, a todos — e foram tantos! — que pelo reaparecimento da *Ilustração Católica*, se dignaram apresentar-nos, com suas palavras amigáveis, um voto de incitamento.

Todas essas provas de estima as tomamos como um plebiscito que correu a respeito da nossa obra. E' para nós o reconhecimento juridico desta *Ilustração Católica*, dão-nos alento para prosseguir na encetada senda, dão-nos a certeza de que realmente estamos a cumprir uma missão patriótica, que, com aprovação de nossos amigos, estamos a exercer um papel social. Foi na verdade um plebiscito e resolvido em harmonia com os nossos desejos mais ardentes.



AS chancellarias são como as mulheres caprichosas e frivolas na mesma bisarra vaidade, na mesma sede deslumbradora de luxo e, para desgraça dos homens, igualmente caras, persistentemente inconstantes. O mundo dos sentimentos e o mundo dos interesses, as almas e os estados, revolvem-se na onda flamejante dos seus caprichos. Uma moda e um ultimatum tem o mesmo nervoso, tyrannico aspecto d'exigencia, de despotismo, e nem sempre a logica regula essas singulares manifestações. A dissimulação é a sua melhor arma, a brandura a sua melhor defesa; insinuam-se, persuadem, illudem com uma frivolidade que domina, um desapego que penetra, e nas modas como nas decisões caem por vezes no dominio do paradoxo. A nova moda da tatuagem, morbida, desgarrada manifestação de capricho, obrigou, os medicos ingleses, ao estudo d'uma delicada terapeutica para cuidar das epidermes irritadas; a nota de Washington, ao governo francez, expondo as bases illusorias d'um illusorio convenio, que collocará a guerra fora da lei, ha-de chamar ao areopago da clara e risonha Haya, uma multidão de jurisconsultos, e essa theoria discreta de togas terá que remechar nos fundamentos d'um direito muitas vezes secular.

A não ser, que uma vez relegada para os dominios legaes do crime a guerra hedionda, persista, na legislação internacional, a serie inumeravel de sancções para a regular e garantir.

Seria curioso, seria d'uma bisarra ironia que ao mesmo tempo que as nações submissas, batendo no peito o seu constricto *mea culpa*, collocassem a guerra na americanissima visão de Mr. Colleedge, fóra da lei, as mesmas nações, pela voz secca dos seus legisladores severos, transformasse os principios fundamentaes da belligerancia, quando a sua missão seria muito simplesmente suprimi-los. Uma vez fóra da lei a guerra passa a ser, — como é ante a moral social, — um crime nefando e os crimes não se regulam porque simplesmente se castigam.

Mas suponhamos com optimismo: a França accede aos desejos da America, a Inglaterra sanciona-os, a Italia approva-os, a Allemanha consagra-os, o Japão preconisa-os, a Hespanha vae na onda, magnifico pois, porque a guerra é um crime, uma tradição barbara, uma violencia hedionda ante a moral e a lei do mundo.

Mas o que é preciso é intercalar nos canones do direito publico o rosario das sancções com que de futuro essa tremenda calamidade seja punida.

Evidentemente, depois da invenção engenhosa da Sociedade das Nações, obra d'um requintado e femenil artificio, a guerra não se comprehende, não se justifica. Os mundos variaram d'aspecto, os homens mudaram d'ambições e desde que o fulcro ambicioso das desavenças e das querellas, deixou de ser a sede da conquista territorial para cair na luca desenfreada dos interesses commerciaes e economicos a guerra deixou de ter expressão, significado, razão de ser. Hoje, dentro da moral e do direito contemporaneos, as desavenças das nações devem ser reguladas pela arbitragem, solução bem integrada no espirito conciliador do Tratado de Versailles que creou ou melhor ressuscitou, na organização pacifista de Genebra, o conselho conciliador d'homens bons das edades anteriores.

Mas o que não faz sentido, é que no momento em que o mundo se prepara para um tão grande e desgraçadamente platonico esforço conciliador, se falle com insistencia n'uma nova Conferencia Internacional de Direito Publico, em Haya, para firmar os principios basilares que regulam a belligerancia entre as nações. Isso seria profundamente irrisorio, adoravelmente femenil, o que não é para admirar porque as potencias pertencem ao sexo fraco e as mulheres — perdoem-me leitoras gentis — são quasi sempre incoherentes e inconstantes como até hoje o tem sido e Deus sabe se o serão ainda por dilatados lustros as poderosas nações.

José de FARIA MACHADO.

# PULSANDO A LIRA

## Que Saudades!

Eramos ambos pequenos,  
N'aquelles dias serenos,  
N'aquella doce Manhã  
Do alvorecer da existencia,  
N'esse tempo de innocencia,  
Não te lembras, minha irmã?  
A nossa casa sorria...  
Que vida alli se vivia!

Fui vê-la agora... que enganoso,  
Felizes d'alma, c'os annos  
Na casa desfeitos vão!  
Quasi tudo que buscava,  
Quasi tudo lá faltava  
Ao pobre do coração!...  
E a casa já não sorria,  
Que saudades que fazia!

Nem pae, nem mãe... que me fôra  
Qual canto de ave na aurora,  
Que mal se ouvira, voou;  
Qual visão suave e linda,  
Que eu julgava então infinda,  
Mas que tão breve passou!  
E a casa já não sorria,  
Que saudades que fazia!

Nem tu tambem, que o carinho  
Deixaste do nosso ninho,  
Como eu, mais cedo, deixei;  
Nem tu, que fostes a primeira  
De meus annos companheira,  
Nem lá tambem te encontrei!  
E a casa já não sorria,  
Que saudades que fazia!

Das nossas velhas antigas,  
D'aquellas velhas amigas  
Que nos tinham tanto amor,  
Nem uma só!... Nem memoria  
Das noites de tanta historia  
Da Maria Leonor!  
E a casa já não sorria,  
Que saudades que fazia!

⊗ O; outros irmãos, coitados,  
Lá eram ambos quebrados  
Do tempo e vida... como eu;  
Com sentimento profundo  
Nenhum via o mesmo mundo,  
Que fora d'elles e meu;  
E a casa já não sorria,  
Que saudades que fazia!

Ella em si a mesma inda era,  
Mas talvez porque eu crescera  
Mais pequena em tudo a vi;  
Nem sequer a grande sala,  
Nem tão grande fui achal-a  
Como quando lá corri;  
E a casa já não sorria,  
Que saudades que fazia!

Ouvi de repente o sino  
Que tinha-ouvido em menino.  
Que me fazia scismar;  
Par'ceu-me o som bem diff'rente,  
Como tambem vinha á mente  
Bem diff'rente cogitar;  
E a casa já não sorria,  
Que saudades que fazia!

Fui depois ver á janella  
A casinha, que alli della  
Bem sabes, fronteira está,  
Que era do pobre sineiro...  
Vi a mulher ao soalheiro,  
O marido é morto já,  
E a casa já não sorria,  
Que saudades que fazia!

Oh! Como foram pequenos  
Aquelles dias serenos,  
Aquella doce manhã  
Do alvorecer da existencia!  
Esse tempo de innocencia  
Que sonho foi, minha irmã!  
A casa então nos sorria  
Hoje saudades fazia!

João de Lemos.

A literatura regionalista, porque é modesta, porque não conta nem pode contar com o réclamo dos grandes jornais, vive precariamente e quasi nunca transpõe os acanhados limites da região sua patria...

Já lá vai o tempo em que a modestia — habito humilde disfarçando o valor — era tida á conta de virtude máxima. Era sua alteza, o Talento, viajando sob rigoroso incognito...

E toda a gente o acolhia como quem era!

Mas a modestia passou à historia, mumificou-se; e os seus abencerragens, vivendo vida calada e quieta, desviando-se ingenuamente à passagem dos charlatães arlequinados e guisalhantes, só tarde e a más horas — depois do burro morto... — conseguirão um glorioso quarto de pagina nas gazêtas ricas.

Ora a literatura regionalista, que sabe de onde vem e para onde vai; que, filha d'algo, tem solar na Serra e assignatura reconhecida nos honrados cartorios de Portugal; a literatura regionalista apodrece nos mostruarios dos livreiros, trocada pelo prato de lentilhas de muita canalidade embrulhada em capas berrantes de cartaz...

Melhor sorte merecia!

Mas «casamento e mortalha — no céu se talha», diz o Povo. E o povo é, abaixo de Deus, o maior sabio.

\*

Isto, meu caro Manuel Boaventura, cai a propósito dos seus «Contos do Minho». São bem contados, tem character e frescura — são nossos; mas nasceram na provincia, andaram ao sol e ao vento, sabem a terra... — e a Cidade artificiosa e vã gosta mais de cortezanias e janotices!

Que bem me souberam os seus contos!

Você conhece o meu extraordinario apêgo à Terra do Minho. Trago-a sempre comigo, diluindo-a na tinta com que escrevo, perfumando com ela os caminhos por onde passo. Conheço-a da Serra ao Mar, das asperêzas barbaras do Gerez e da Penêda às espumas azuis do Atlantico. Trabalhei com o seu povo religioso e alegre, acompanhei-o pelas romarias pagãs; sofri e sonhei com ele.

O Minho anda sempre comigo. E foi

assim que eu fui encontral-o nas comovidas paginas dos seus «Contos».

Paisagens e almas. Idilios suaves, scenas de tragedia, pavôres nocturnos...

As suas figuras são minhotas a valer. Nem o «Moleiro», nem o «Fabião» seriam capazes de negar a sua terra; que, se o fizessem, denunciar-se-hiam num amen.



MANUEL BOAVENTURA

Dialogos sobrios, precisos. Scenarios pintados do natural. Os *typos* que fotografou, desapegam-se da pagina e veem falar connosco. Alguns são antipaticos? Mas ali tem você o «Moleiro» a redimi-los, a salvá-os sob a comovedora aureola da sua virtude.

Ha-de haver quem encontre, no falar de alguns personagens e no conflito de algumas situações, um certo e escusado exagero realista...

Fidelidade do seu kodac?

Estou por isso. Mas você podia, ao depois, cuidar do retoque. Era tão simples!

Pegou na sua terra — e meteu-a entre as paginas do seu livro. Foi sincero. Foi minhoto. Mas a Arte, meu caro Boaventura, não é a ultima palavra da Vida... Temos que acomodá-la, discipliná-la!

Afora êsse pequeno *senão*, o seu livro constitui uma bela afirmação de talento — e de espirito bairrista. Fique-lhe a certeza de ter conseguido encher com ele o coração dos verdadeiros minhotos, — desses que, para sentir, não precisam de tomar um coração emprestado...

Teixeira Pinto.

# QUADROS DE LISBOA

Modas...!

LISBOA como todas as grandes cidades é onde impera a *Moda* em toda a corrente do seu brilhantismo.

Campo vasto onde a mulher pode dar largas aos seus caprichos, seguindo a *moda* sem a mínima reflexão, sem nunca pensar

casadas que são menos culpadas porque muitas d'elas jamais tiveram quem lhes mostrasse a senda da honra.

Lisboa pela tarde, principalmente nas principais ruas da baixa, o movimento de senhoras é extraordinário, visitando lojas, comprando bôlos, tomando chá, nos centros mais elegantes.

E' neste ambiente que começa com a deslumbrante hora do poente e que se estende até às 8, então iluminado pelas vivas lampadas electricas, que a mulher lisboeta dá largas aos prazeres da moda mostrando as suas *toilettes* transparentes (leves apesar do inverno), cujas saias curtissimas vão subindo tanto, que nos fazem pensar que nunca foram meninas inocentes!

De cabelos cortados, de nuças rapadas à navalha, são *fadistas femininas*, e quando olhamos para elas, vem sempre ao nosso pensamento, que láres formarão, e como será a familia futura, nascida de tal sociedade.

Hoje, é raro encontrar-se na nossa capital familias formadas com aquella tranquillidade filha da mutua amizade, onde sempre imperava o bom senso, a crença, o respeito, a disciplina. Com os ultimos cabelos cortados, imperou o modernismo, a liberdade, e escarneo por tudo que é antigo! D'aí, a frequencia do mau teatro, do pessimismo e imoral cinema, do prazer em ver o chamado *nu... estetico, macaré* que certas empresas empregam para não assustarem o publico, e não empregarem somente a palavra *nudez*!

A musica empregada é tão *nua*, como as bailarinas que a dançam. E quanta maior nudez aparece, mais enchescentes os teatros apresentam.

Para onde fugiu o sentimento da da moral em alguns lares portugueses!

Com algumas mães de familia,

com quem temos falado e criticado o seu procedimento, demais com filhas prontas para casar, todas me têm respondido:

— Então que quer você, é a moda e não podemos fugir d'ela!

E' com esta orientação que se vai formando em Lisboa a chamada sociedade elegante, a do bom tom, a que marca nos salões e nas festas mundanas.

Ao lado da mulher moderna aparece o rapaz, pensando da mesma forma.



LISBOA. — Ruínas do Convento do Carmo, fundação do B. Nuno Alvares Pereira, e onde residiu nos ultimos anos da Sua vida o Santo Condéstavel, agora adaptadas a Museu Arqueologico.

um minuto no pudor que deve manter e que lhe é proprio.

Se as mulheres tivessem pensado um minuto do seu dever a cumprir perante os seus, em frente da sociedade, não chegariam a ser *escravas* de certas modas, que são a mais clara prova de imoralidade e de desvergonha!

A mulher hoje em dia, como filha, como esposa, como mãe, tem-se aviltado, igualando-se pela moda, com certas desgra-



Fedelhos sem valor, mas belos dançarinos da escola moderna.

Com vozes meigas encantam as raparigas falando-lhes de rendas, de bordados e os ultimos charlston... discutem tambem pinturas do rosto e o perfume mais em voga!

Mais um quadro de Lisboa, apenas estocado...

Lisboa - Janeiro.

Alfredo Pinto (Sacavem).

## No ritmo da vida universal

**A**PARECEU, a semana passada, uma enciclica de Sua Santidade, enciclica que era esperada, mercê de referencias e anuncios vindos a lume na imprensa.

O tema versado foi o da união das igrejas cristãs, tema, que por varios modos tem preocupado os pensadores de varias escolas que confessam a Cristo. São conhecidas as «conversas de Malinas», conferencias que o saudoso cardinal Mercier teve com protestantes ingleses, e que algum bem, pelo menos indirectamente, conseguiram.

Ora varios dos pensadores a que aludimos julgaram possivel o entendimento dos cristãos por um modo não conforme à verdade ortodoxa. Pio XI, os desengana. E' impossivel admitir aquela especie de indiferentismo deante de varias confissões cristãs, que procede dos erros modernistas. A união tão desejada das igrejas só pode dar-se entrando os nossos irmãos dissidentes para a unidade da fé, para o místico redil da Igreja Romana. Tal é a ideia fundamental da nova enciclica.

\*

Enquanto o Papa assim, fala, o arcebispo anglicano preocupa-se da revisão do *Prayer Book*, o livro liturgico dos dissidentes da Grã-Bretanha. Os bispos dessa igreja separada propozeram ha pouco uma reforma, mas a Camara dos Comuns — triste falencia das igrejas dissidentes: ficam subordinadas a instituições leigas! — rejeitou o livro reformado porque recebeu, disseram, que essa reforma os conduzisse a Roma. Os bispos ingleses, por em, não desistem de modificar o livro, pois que sentem que a situação é insustentavel. Dos seus

fiéis, parte caem na irreligiosidade, parte teem ido procurar a verdade na Igreja catolica.

\*

Veem de Nicaragua más noticias. Um general poz-se à frente de um movimento sedicioso, e declarou uma provincia, a de No-

### PELOS DESPORTOS



BARCELONA. — Os tcheco-slovacos do «Viktoria Zizkof» bateram-se com o F. C. Barcelona no campo de Lascorts. Garcia defende com uma boa cabeçada, o seu partido Catalão, que ganhou por 1 a zero.



ST. MORITZ. — Um belo salto em skis no cume de Suvretta, proximo do Pico Albana à esquerda e Pico Julier à direita.

agressão entre alguns Estados dos mais poderosos. A aspiração da paz é continuamente afirmada nas principais chancelarias.

Nota, porem, com clara visão um conego de Burgos, o Magistral, que tais propositos são vanissimos se não forem impregnados de espirito cristão, e que, sem este, a paz não fica solidamente assegurada. A proposito verbera as bacanais que em Berlim se desenrolaram nas primeiras horas deste ano, e que mostram um aspecto tristissimo de dissolução.

va Segovia. E, afirmando a sua personalidade juridica, já cunhou moeda a nova republica americana. A lucta continua.

\*

E com a Nicaragua, continua agitado o seu visinho Mexico. Victima do odio sanguinario do presidente Calles, essa republica vê perseguido ferozmente o cristianismo, pervertido o direito, zombada a dignidade. Um categorizado estrangeiro, o dr. Albiñana, expulso do territorio mexicano, onde foi professor, escreveu uma carta que é uma acusação severa contra as prepotencias praticadas no Mexico.

\*

Tambem a Russia continua flagelada pelos seus actuais tiranos, alguns dos quais sofrem as consequencias da revolução que desencadearam. Trotsky, por exemplo, foi deportado para a Siberia.

Os jornais noticiaram ha dias ter chegado ao Vaticano, registada, uma sentença de condenação à morte, proferida pelos ditadores russos contra o Soberano Pontifice. Se não se trata de alguma fantasia das agencias, o facto revela a truculencia, o odio dos revolucionarios moscovitas.

\*

No meio destas sombras de guerra brilham pelo mundo reflexos de um anseio de paz, que parece começar a dirigir as potencias. Foi bem recebida a proposta de um pacto de não

Conseguirão sobrepôr-se a essa onda corruptora e materialista os Estados que teem afirmado o desejo de a suster e reorganisar os respectivos paises? Poderão a Italia, a Espanha, e Portugal, governados por formulas ditatoriais, reconstituirem as suas nacionalidades na ordem e no progresso?

Os catolicos dizem que tais desejos só serão possiveis pela coesão espiritual dos principios religiosos. E sem desconhecer esse aspecto divino do problema, a prudencia humana dicta, como segunda norma, ser necessario manter tambem a unidade do pensamento nacional, respeitando e cumprindo as tradições. Mussolini que modificou muito, num sentido catolico, os processos primitivos de governo, tem procurado satisfazer na Italia renovada, os cânone da tradição cristã. Primo de Rivera, fez reunir já uma Assembleia Nacional, expressão modernizada de antigas Côrtes penin-



ST. MORITZ. — Um grupo de jogadores internacionais, de hockey sobre gelo faz o seu treino para os proximos concursos.



SEVILHA. — O Infante D. Carlos visitando o carcere, sauda o director do estabelecimento penal.

sulares, pois nós—Portugal e Espanha—as tivemos muito antes que os barões inglezes impoz essem a *Magna Charta* a João-sem-terra.

\*

Em Portugal ao tempo de traçarmos estas notas trabalha-se com actividade no

recenseamento eleitoral. E, após ele, virá, primeiramente, a eleição presidencial. E' o primeiro passo da ditadura para uma situação legalista definida, e a imprensa noticiou já que a essa eleição se seguiriam as das instituições

locaes, da freguesia e do municipio. Que seja proficuo para a paz e para a nação, deseja-o o nosso patriotismo.

\*

A esta hora as aguas do patrio Tejo sustentam alguns poderosos barcos de guerra inglezes. De guerra é o seu nome; de paz, todavia, é a sua missão, pois em amiccissima visita entraram o porto da formosa Lisboa. Deve registrar-se o facto, pois representa uma prova de consideração à nação portuguesa.

\*

O Cardial Ilundain, escreveu uma carta contra a teosofia que está grassando em Espanha com certa insistencia, o que fez que a carta tivesse ressonancia. O Cardial friza, entre outros pontos doutrinaes, o da metempsicose ou reencarnação das almas, que, sendo basilar na teosofia é diametralmente oposto ao dogma catolico, que afirma fixar-se para elas, no instante da morte, o seu destino imutavel. A teosofia tambem

conta em Portugal não poucos adeptos, e o Senhor Arcebispo de Braga, escreveu ha meses, contra os principios dela, uma instrução pastoral.

\*

Estão a causar justificada emoção entre nós as conferencias do P. Matheo Crawley, que tem prégado, com enorme concurrencia, em Lisboa. E' o P. Matheo o apóstolo de uma devoção que consiste, essencialmente, na consagração das familias ao Coração de Jesus, e que na sua forma mais vulgarizada, recebeu o nome de «entronização» por ser acompanhada do rito externo de piedosamente colocar a imagem do mesmo Sagrado Coração em logar preferente do lar familiar.

Apóstolo lhe chamamos, mas para ser apóstolo requiere-se missão legitima. Ora esta não faltou ao P. Crawley. Teve em Paray-le-Monial a inspiração desta devoção.

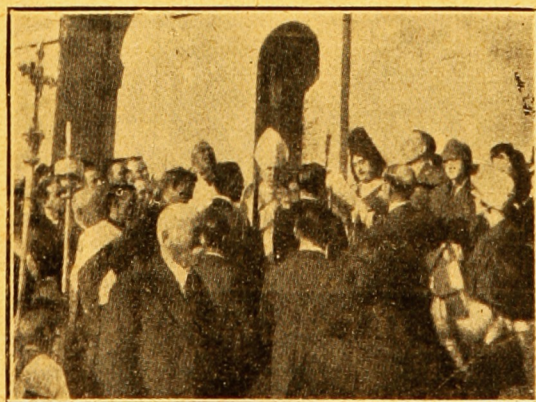
Ido a Roma pediu ao Papa — era então Pio X — a permissão de a propagar.

— Eu não o permito, disse o Pontifice, não o permito; eu vo-lo ordeno. Ordeno-vos que consagreis a vossa vida a propagar e essa devoção, a con-

sagração do lar ao Coração de Jesus.

Obediente ao mandato pontificio, o P. Matheo Crawley tem percorrido, nessa propaganda, todo o mundo. Agora tocou a vez a Portugal, e Braga vai ouvir dentro em breves dias, a palavra do apóstolo da consagração das familias ao Coração Divino.

\*



TORREVIEJA. — Benção da bandeira de Somatenes pelo bispo de Orihuela.



S. MARTA DE PORTUZELO — (Viana). — O pitoresco centro da freguesia.

(Fot. João Silva)

## CASAMENTO ELEGANTE



A Ex.<sup>ma</sup> Snr.<sup>a</sup> D. Maria do Carmo dos Santos Palha e o Snr. Alexandre Alves Pereira de Aragão Lobo consorciados em Braga, na igreja do Carmo, em 29 de Outubro de 1927.

## O TEMA DO AMOR NA LITERATURA

Nunca, porventura, como no século passado, a literatura versou o tema do Amor. A escola romântica tomou-o tão superabundantemente como assunto que, à primeira vista, parece com ela identificado. E, todavia, não é o exclusivo objecto do Romantismo, por que este, essencialmente dramático, transporta para a tela, para o proscenio ou para a linguagem, descritiva ou confabulada, a vida, com as mil variadas peripecias que se desenrolam no seu incessante refluxo.

Os temas amorosos, porem, ingenuos e tímidos com Bernardin de St. Pierre, meigos com Chateaubriand, trágicos com Lamartine, tão profundamente humanos com Garrett, que o diríamos adivinhar o realismo, não foram sempre contidos dentro das severas ideias da moral. E não se julgue impossível a fecunda aliança das ideias estéticas com os pensamentos éticos. E' fecunda, repetimos, e criadora de obras-primas.

O que foi o Romantismo senão uma nova estética? O cristianismo, a civilização medieval, o predomínio da sensibilidade,

o amor da natureza, o gosto do maravilhoso, fundindo-se, criaram a Escola, e esta, indo buscar os seus temas à tradição e à vida popular, encontrou naturalmente o Amor que tudo domina, e que na Biblia, em antigos seculos, já o poeta e sabio Salomão dizia ser mais forte que a morte avassaladora.

Na pleiade de escritores e poetas do Romantismo não faltaram artistas que versassem com dulcissimas côres o tema do amor dos cristãos. Fê-lo Chateaubriand nos *Martires*, quando a escola ensaiava os primeiros vôos: fê-lo em sentidos versos João de Lemos, quando contra ela se erguiam já novas escolas.

O tema do Amor-cristão, porem, só na epoca presente foi, talvez, exposto com toda a sua suavidade. O Amor-cristão, profundamente sentido, com toda a veemencia da natureza humana, mas tendo consciencia em si mesmo de que é assim pela vontade santificadora de Deus, e que, ligando nele dois corações, tem por lei fundamental o preceito do Apostolo: Amai, maridos, vossas esposas, como Jesus Cristo ama a sua Igreja.

O Amor-cristão, aquele Amor, que, sendo essencialmente humano, se sobrenaturaliza pela virtude sacramental, é digno de tornar-se primoroso objecto da escola neo-classica, que está renovando os temas do Romantismo com luz e se-

renidade soberanas. Antonio Sardinha, nos ultimos anos, escreveu nesse sentido paginas primorosas. Já antes, em Hespanha, D. Matilde Troncoso de Oiz o compreendera com brilho notavel. E poderíamos acrescentar não poucos exemplos. A Escritura Sagrada, a tradição patristica, e, na missa nupcial, a propria liturgia, — escrita, como se sabe, quando a vida liturgica absorvia toda a actividade social e a dirigia — fornecerão aos literatos catholicos as linhas fundamentais do seu criterio, para versar sob uma forma artistica e cheia de atrativo o tema formosissimo.



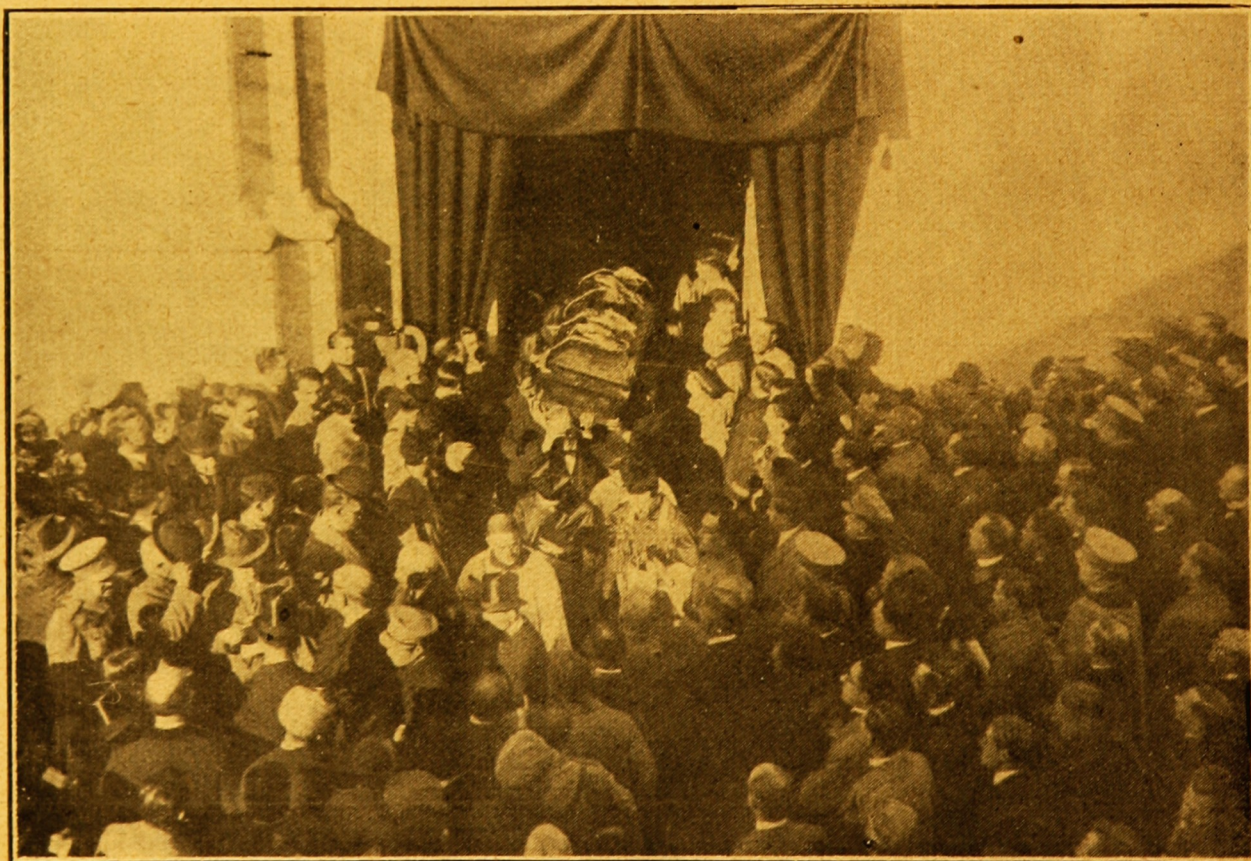
*Os Noivos, com o Senhor Bispo de Lamego, que presidiu à cerimonia nupcial, clero assistente e outras pessoas da familia.*



## COMANDANTE JOÃO BELO

falecido Ministro das Colonias

Foi uma grande demonstração de saudade o funeral do Ex.<sup>mo</sup> Ministro das Colonias, Comandante João Belo. Era uma das figuras mais prestigiosas do actual governo, e na sua passagem pela pasta das Colonias promulgou notaveis e sensatas disposições, que já começaram a produzir proficuos resultados. A's Missões religiosas deu todo o favor e auxilio do Estado, aumentando as regalias que já gozavam essas instituições e que os governos anteriores tem respeitado e ampliado por vezes, tornando a legislação portugêsa neste assunto a mais perfeita que se conhece. Já antes tinha sido, alem de militar brioso, um colonial distintissimo. Junto do seu feretro juntaram-se, com o Governo, as Autoridades Ecclesiasticas, e pessoas notaveis da Sociedade.



*O prestíto funebre saindo da Capela do Arsenal*

O escotismo que tem por fim dar à juventude uma sólida educação e formação integral, teve a sua origem em Inglaterra e deve-se ao genial educador sir Robert Baden Powell.

Em poucos anos esta obra admirável estendeu-se a todo o mundo e conta já por milhões os seus agregados.

Em Portugal — entre outras associações congéneres — merece-nos a melhor simpatia o Corpo Nacional de Scouts fundado nesta cidade em 1923, sob a égide de S. Exc.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup> o Senhor Arcebispo Primaz e já hoje espalhado em todo o país.

Entre os mais graduados dirigentes do C. N. S. ocupa lugar primacial o snr. D. José de Lencastre, grande alma de apóstolo e primoroso fidalgo, e que é uma garantia segura de êxito fecundo e óptimos fructos.

E se podemos avaliar uma obra pela grandeza moral dos individuos que nela trabalham, poucas ou nenhuma associações católicas portuguesas se podem com razão ufanar de terem filiados tão altos valores como o C. N. S.

\* \* \*

Para o ano de 1929 prepara-se igualmente o C. N. S. afim de enviar à Inglaterra ao *jamboree* internacional, a maior representação possível.

Todas as vezes que se realisam reuniões internacionais, os nossos escoteiros aparecem a honrar o nome de Portugal. Em 1925 uma boa delegação foi a Roma, em 1927 esteve em Lourdes a mais numerosa das que de Portugal tem visitado terras estrangeiras e por conseguinte não será de estranhar que a velha Albion veja tremular no ano proximo a bandeira portuguesa no seu país, triunfalmente hasteada por uma grande falange de pequenos lusitanos em cujas mãos ela será mais bela e olhada com mais respeito.

Para honra de Portugal trabalha a briosa falange escotista.

Que Portugal siga com olhos de ver essa grandiosa tentativa de renascimento.

C. E.



*D. José de Maria Queiroz e Lencastre,  
Comissario Nacional do C. N. S.*



*A Alcateia N.º 1 (D. Fernando) — em Braga — no dia da promessa solene dos seus lobitos com as delegações assistentes dos outros grupos citadinos.*



BRAGA. — Praça da Republica. — Um aspecto deste importante centro urbano que, por uma recente determinação camararia vai ser transformado. Em construção o sumptuoso edifício do Banco de Portugal.

### Graça Vimaranense



D. Maria José Teixeira de Barros

*Gentil filha do nosso amigo Sr. José Teixeira de Barros, Director da Agencia do Banco do Minho em Guimarães.*

## O Renascer do Municipalismo

O mundo inteiro, — pode afirmar-se, — esfregou alarmadamente os olhos, quando a *Ilustração Catholica* suspendia a sua publicação. Descansem. Não foi pelo nosso desaparecimento, mas porque as novas condições da vida perturbaram, desde a guerra, toda a actividade social.

Sente-se o artificio de formulas que dominaram; ruem conceitos que imperaram. As grandes orientações politicas do Liberalismo foram definitivamente postas de parte: não desprezando o que tiveram bom, mas expurgando defeitos, repelindo uniformidades inadaptadas às diversissimas condições locais. Com isto veio o renascer de ideias antigas, do patrimonio nacional.

Entre elas ocupa o Municipalismo um lugar dominante. Herança, talvez, de principios romanos, se não anteriores e baseados em localismo lusitano, mas com certeza codificados e robustecidos na politica germano-hispanica dos visigodos, o Municipalismo, o concelho, é a nossa caracteristica mais perfeita, o que constitue verdadeiramente, uma tradição nacional, como o foral é a concepção patria do direito positivo.



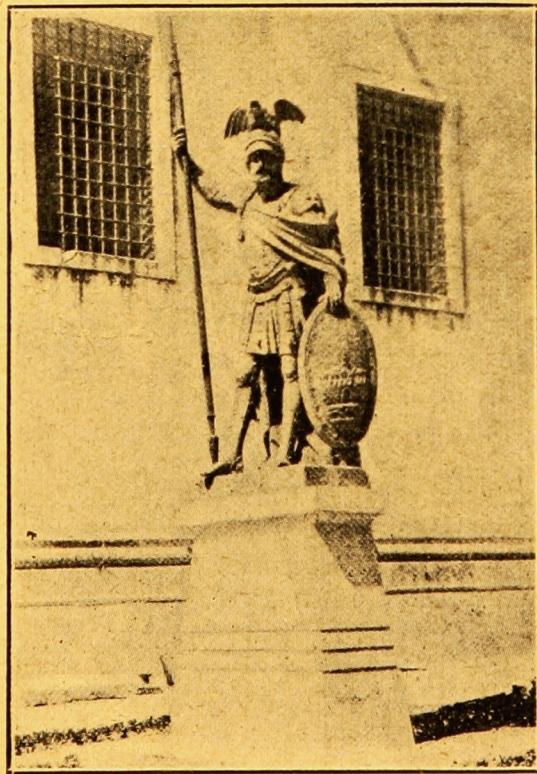


COIMBRA. — Lavadeiras no rio Mondego

Caminhamos, realmente, para um revigorar da tradição, voltando ao Municipalismo como exprimindo a formula politica da nacionalidade? Dizem-nos que sim mil factos que dia-a-dia se nos apresentam, a afirmação categorica dos primates do governar e do direito, os pensadores de todos os matizes, a começar pelos mais nitidamente conservadores.

E, todavia, é de reconhecer que os ideologos republicanos de 1891 afirmavam o anseio de um Municipalismo federado, quasi em termos iguais àqueles com que o reclamam os ideologos integralistas contemporaneos. E' que tanto são eternas as verdades!

Brevemente, segundo as nossas informações, pensa-se em realizar um *Congresso Municipalista do Minho*. E' boa e oportuna a ideia. Já na vigencia do actual regimen se realizaram Congressos Municipalistas. Dominou, todavia, muito o conceito centralizador, mas até o facto de agora se limitar a uma provincia, e tão homogenea como a nossa, faz supor que iremos assistir a um impulso ao conceito nacional do municipalismo bem entendido, no qual Braga e Viana, — sem prejuizo das suas irmãs e filhas provinciais, — terão decidida hegemonia.



PORTO. — O simbolo da cidade, que estava no portão da Camara, estatua agora arrecadada nas instalações provisórias do Paço Episcopal.

## O peso do ouro

Diziam ao discreto João Rufo, de Cordova, que nada no mundo pesava mais que o ouro, ao que ele retorquiu: — Por certo que mais pesa não o ter.

## Não valeu o disfarce

Um velho pediu certa mercê ao Imperador Adriano; este lha negou. Voltou daí a tempos a pedir-lhe o mesmo favor, e nessa ocasião appareceu com as cãs pintadas para parecer novo. O imperador, a quem o disfarce não passou despercebido, o despediu dizendo: — Não vos farei essa mercê porque já a neguei a vosso pai.

## Magnanimo espirito

Cesar, como os parciais derrubassem as estatuas de Pompeu com quem estava em lucta, as mandou levantar. Cicero, ao saber esse acto teve esta exclamação: — Erguendo as estatuas de Pompeu, as tuas lavraste, Cesar.

## Ele lá os conhecia

Viu Diogenes os Ministros da Justiça que iam com aparato grande enforçar uns ladrões e começou a bradar:

— Os grandes ladrões enforcam os pequenos.

## A proposito de impostos

Lançou certo Pontifice dois tributos, um sobre o papel e outro sobre o tabaco. E Pasquim, o celebre cartaz do humorismo romano, aproveitou este versiculo de Job:

Contra folium, quod venum rapitur, ostendis potentiam tuam, et stipulam siccam persequeris? — O que significa. — Contra a folha que o vento arrebatava, mostras o teu poder, e persegues umas secas hervasinhas?

## Quem tem telhados de vidro . . .

Pompeu, chegado Cicero a seu arraial, perguntou-lhe com espirito, onde deixava seu genro Pisão:

O orador romano, porem, lhe retorquiu com a mesma agudeza: — «Fica no campo de teu sogro Cesar». E assim lhe deitou em rosto a mesma afronta que aquelle lhe verberava.

## O habito não faz o monge

Certo individuo, para ganhar fama de sabio, comprava muitos livros, e Ausonio, como ele não abrisse nenhum dos livros que adquiria, disse-lhe:

— De igual maneira podes comprar instrumentos; terás assim o nome de insigne citarista, como, hoje, és apenas mercador.

## Espada virgem

Em vespera de S. João, jejuava D. Manuel I, abstando-se não só de iguarias prohibidas na lei geral do jejum mas de peixe tambem, e de tudo que tivesse sangue. E como preguntasse a um dos seus cortezãos que havia de comer naquele dia, esse aludindo a um fidalgo novato, e que não entrara ainda na milicia disse: — Coma V. M. a ponta da espada daquele cavaleiro que ela não viu ainda sangue.

## Conforme as circunstancias

A Diocles preguntaram qual era melhor peixe, se o congro, se o robalo. E ele prontamente: Este cosido, guisado o outro.

## Casamento ambicioso

Era Gemelo, moço bizarro e gentil, e com grandes diligencias procurava casar com a velha e feia Maronila.

Marcial, como soubesse que esta possuia grandes riquezas, fez ao caso este epigrama:

Ao sabio, meu Gemelo, não espanta,  
Ver-te uma velha feia procurar;  
Que havendo de riqueza copia tanta,  
Sendo velha mais cedo vais herdar.

## Balda certa

Um de quem se suspeitava ser ladrão: disse a Demostenes, aludindo ao porfiado estulto que esse orador tinha durante a noite: — As tuas orações cheiram a azeite.

Demostenes volveu: — Bem sei que te peza que se acenda candeia durante a noite.

## Que tal ela era!

Preguntaram a certo individuo porque motivo dava sua filha a um inimigo, e ele respondeu:

— Eu dele tomarei assim vingança.